

# 1. A PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL E SUA APLICAÇÃO À INFÂNCIA INADAPTADA

*Anne Lapierre*

Por que o adjetivo "relacional" foi adicionado ao termo Psicomotricidade? Porque ele marca a especificidade da Psicomotricidade Relacional. Ele indica a investigação e a intervenção, específicas desta metodologia, são centrados sobre a relação e, mais particularmente, sobre o conteúdo simbólico da relação.

A Psicomotricidade Relacional privilegia muito mais a parte afetiva-emocional, ligada ao processo sub-cortical e ao princípio do prazer e do desprazer, do que a parte cortical, racional e intelectual do psiquismo. No contexto dessa metodologia, busca-se favorecer e, eventualmente, provocar a emergência de sentimentos e emoções (desejos, amor, raiva, ciúme, entre outros) relacionados às lembranças conscientes e inconscientes da infância que estruturaram a personalidade.

As dificuldades psicológicas são, em sua maioria, dificuldades de relação com o outro, com os outros (pais em particular) e consigo mesmo, embora também possam ter causas orgânicas ou neurológicas. No entanto, o que se observa é que, na maior parte dos casos, a despeito das dificuldades orgânicas e neurológicas, há que se buscar a origem das dificuldades na problemática psíquica relacional.

Essas dificuldades de ordem psicológica não surgem espontaneamente, do dia para a noite, embora certos eventos traumáticos possam provocar ou precipitar o seu surgimento. Elas são sempre o resultado da longa evolução de uma série de conflitos mal elaborados que se encadeiam, com mais frequência, a partir da primeira infância.

Após a vida intra uterina, nenhuma criança está suficientemente protegida de conflitos: o trauma do nascimento, a ruptura da relação simbiótica, o conflito de identidade, o choque entre os princípios do prazer e da realidade e as frustrações decorrentes, o conflito edipiano, a constituição das defesas do Eu, entre outros, para somente citar as etapas mais importantes do desenvolvimento da personalidade. Porém, enquanto algumas crianças assumem e elaboram seus conflitos sem grandes problemas, outras têm sua personalidade estruturada de forma, mais ou menos, patológica.

Os dois primeiros anos de vida são os mais importantes para a constituição da personalidade, pois é nessa fase que se originam a consciência e a identidade do Eu corporal, constituídas inicialmente por meio da vivência da simbiose materna e, em seguida, pela ruptura dessa simbiose, quando se dá o verdadeiro "nascer psicológico" e o acesso ao campo do simbólico. Nessa etapa a pessoa se constitui como ser separado da mãe e ser de comunicação e elabora as primeiras estratégias relacionais que servirão de modelo a ser repetido no decorrer da vida.

Para a criança um conflito profundo se configura como "não dito", como algo culpabilizado e recalcado no inconsciente que se revela por meio da inadaptação escolar ou da somatização.

Nesse contexto, o que propõe a Psicomotricidade Relacional para as crianças inadaptadas, "boderlines", psicóticas, autistas? Propõe um espaço para brincar. A sessão de Psicomotricidade Relacional não é nada mais do que um espaço de jogo livre do qual o psicomotricista relacional participa como parceiro simbólico. Trata-se de um brincar essencialmente não verbal, pois o psicomotricista relacional deve falar com seu corpo, afinal essa é a especificidade de sua intervenção. Ele fala com seu corpo para o corpo da criança, utilizando-se dele como meio de expressão e relação.

Corpo que é lugar de prazer e desprazer, de desejo e de angústia, vetor das relações afetivas e emocionais, ou seja, da relação primitiva com o outro, com o corpo do outro.

Nesse brincar permeado pelas relações corporais, o corpo do psicomotricista relacional é sempre identificado, sob diversas formas simbólicas, ao corpo da mãe ou do pai. Não se trata da mãe ou do pai real, mas da mãe e do pai como imagens simbólicas das funções materna e paterna. Isso, porém, não impede a criança de expressar aos seus substitutos simbólicos os sentimentos que dispensa a seus pais.

O corpo do psicomotricista relacional é vivido pela criança como um lugar de prazer e de segurança, um continente de calor afetivo que a protege, ou seja, um lugar de amor. Mas esses sentimentos contêm neles mesmos os seus opostos: o continente que se transforma em prisão, a segurança que é quebrada, o calor que sufoca, a proteção que é vivida como devoração e o amor que se transforma em ódio. Nasce assim a agressividade da criança para se libertar da dependência que ela, por outro lado, deseja. O psicomotricista relacional deve dar à criança a possibilidade de expressar a sua ambivalência (amor-ódio) sem culpabilizá-la por meio do jogo simbólico decodificado e aceito.

A relação corporal, que é a especificidade da metodologia da Psicomotricidade Relacional, repousa sobre um intercâmbio de mensagens corporais emitidas e recebidas pelos diversos parceiros do jogo simbólico e espontâneo. Mensagens significativas cujo conteúdo afetivo e emocional é decodificado, mais ou menos conscientemente, pelo outro. Essas mensagens se configuram como gestos, posturas, mímicas e são, sobretudo, tônicas, pois são as tensões tônicas que conferem aos gestos e às atitudes um significado afetivo. Essas mensagens são percebidas à distância pela visão e pelos ouvidos que decodificam a tonalidade afetiva dos sons vocais, porém são também percebidas, com uma tonalidade muito particular, por meio do contato direto. Esta é, efetivamente, a comunicação

mais arcaica, a mesma estabelecida na vida intra uterina e nos primeiros meses de vida. Trata-se de uma comunicação "do sentir", por meio da qual não se pode mentir. Ela exprime sem palavras todas as nuances do sentimento e da sua qualidade depende a profundidade da comunicação e da intervenção.

Fala-se sobre intervenção, porém qual é a base dessa intervenção?

Dentro da dinâmica do brincar, no imprevisto das interrelações que se estabelecem, a criança ou o adulto expressam espontaneamente aquilo que têm de mais profundo em si: sentimentos conflituais, mais ou menos culpabilizados, mais ou menos angustiados sobre os quais eles não sabem dizer, sobre os quais não podem dizer ou sobre os quais não ousam dizer, ou seja, eles os exprimem de forma disfarçada, desviada e simbólica. A expressão simbólica, na medida em que escapa, em parte, à consciência, constitui um dos elementos principais da Psicomotricidade Relacional.

O ato tem valor de linguagem, não se situa mais no registro do real e sim no campo simbólico. Ele é um significante, assim como a palavra o é e o psicomotricista relacional tem que decifrar o seu significado. São essas mensagens simbólicas que o psicomotricista relacional deve compreender, traduzir e decodificar antes de responder. Essa decodificação das mensagens simbólicas do inconsciente é específica do trabalho clínico, seja ele verbal ou corporal.

Em Psicomotricidade Relacional baseia-se nas analogias que surgem no conteúdo vivido na sessão. Essa decodificação pode ser feita em vários níveis, nas quais sejam:

1. Nível simbólico que exprime, de maneira relativamente direta, os conflitos subjacentes.
2. Nível mais profundo ou fantasmático que, a partir da intervenção simbólica, permite acessar os fantasmas arcaicos recalcados.

Por exemplo: uma criança manifesta em diversas situações de brincadeira seu medo ou recusa de ser preso, fechado, contido, envelopado (protegido por um tecido). Esse sintoma pode ser expressado em sua vida real por meio de comportamentos de fuga, de dificuldade de se submeter à figuras de autoridade, a um regime de tutela ou a regras de uma instituição. Pode-se interpretar esse comportamento como um desejo de se libertar de uma mãe muito possessiva, por exemplo, ou, ao contrário, como um desejo tão grande de ser contido que a criança sente medo de se perder numa vivência regressiva. Isso é o que se chama de interpretação simbólica. No nível fantasmático esse desejo pode reportar a um fantasma de devoração, que todos têm em si, porém que fica, habitualmente, no inconsciente e se exprime por meio de atos simbólicos, sendo o mais frequente a tentativa de fazer o outro entrar em seu desejo. As crianças expressam, com frequência, o medo de serem devoradas, ao fazerem o adulto assumir, no jogo, o papel do lobo, crocodilo ou leão. Uma vez feita a decodificação deve-se responder à criança.

O psicomotricista relacional responde com seu próprio corpo e com sua ação na brincadeira, ou seja, utiliza os mesmos processos analógicos para codificar simbolicamente sua mensagem. O diálogo não verbal em Psicomotricidade Relacional é totalmente simbólico e cada um decodifica as mensagens do outro, as do psicomotricista relacional devem ser claras, sem ambiguidade...e com o mínimo de projeções para ajudar o outro a se situar. Porém, em muitos casos, as mensagens do outro são ambíguas, contendo, às vezes, uma parte consciente que deve ser percebida e decodificada. Às vezes trata-se somente da manifestação de uma tensão em contradição com o gesto, como, por exemplo, uma tensão que subjaz a uma mensagem de amor ou, o contrário, uma demanda de amor contida em um gesto agressivo.

Quanto mais acentuada é a patologia, mais tende-se à psicose e as possibilidades de expressão simbólica se

desvanecem e os conteúdos fantasmáticos desaparecem em uma confusão entre real e imaginário (por exemplo: o medo de ser realmente devorado). A intervenção clínica se situa nesse nível, ou seja, o dos fantasmas de devoração, absorção, penetração, castração, fragmentação e de morte.

É evidente que para o psicomotricista relacional trabalhar com esse tipo de fantasmática é preciso ter antes explorado seu próprio inconsciente num nível muito arcaico, caso contrário, isso pode ser perigoso não somente para o paciente, mas também para o terapeuta.

Se o psicomotricista relacional, em seu trabalho clínico, se permite a acompanhar seu paciente em vivências regressivas ou mesmo favorecê-las ou provocá-las se necessário, deve fazê-lo com base na certeza de poder tirá-lo dessa situação ajudando-o a retomar a realidade. Ele deve ter consciência de seus limites.

Não há uma técnica padronizada, não há exercícios e receitas a propor, não há um modelo. Cada criança é única, cada psicomotricista relacional também o é. A psicomotricista Relacional se configura como uma criação permanente, dentro de uma dinâmica de relação entre seres que se implicam e investem conforme sua personalidade. A atitude de cada psicomotricista relacional carrega em si a síntese entre seu próprio modo de ser e as modalidades de intervenção específicas desta metodologia. A formação pessoal conduz o psicomotricista relacional a associar seu modo de ser à sua atuação profissional. É por isso que a formação pessoal é sobremaneira priorizada.